



hasta la victoria - eduardo rodrigues

Hasta la victoria

UNICAMP. Congresso da UNE. Mais um passo para tomarmos o poder. Eu, 19 anos. Um teórico da revolução; praticamente um Bakunin tropical; pronto para pegar nas armas, pra libertar a classe trabalhadora e oprimida da tirania do capital, pronto pra enfrentar a ditadura, o exército, os Kennedy (todos), a Margareth Thatcher, a CIA, o FBI, o capeta, belzebu porém... virgem. Imaculado. Puro, no pior sentido da palavra. Entre Stalinistas-Maoistas e Leninistas-Marxistas posicionava-me galhardamente, e por serviços incontestáveis prestados a causa, à frente de uma das facções trotskista-onanistas mais atuantes. Uma corrente que pregava, ainda que de maneira totalmente clandestina, a manipulação genital permanente. Esse negócio de sexo era coisa de pequeno burguês, de sindicato patronal. Nós, o proletariado, tínhamos muito mais o que fazer. Muito mais do que um monte de vênus tínhamos o mundo para conquistar. A companheira Olga (nome fictício) me convidara pra passar esses dias de luta na casa dela. Aceitei, apesar dela ser do PCdoB. Cheguei de madrugada. Ainda estava acordada. Sentada sobre a cama... De pernas cruzadas... De mini saia... De frente pra mim... Sem calcinha! Achei pouco ortodoxo. Acreditei ser novo manifesto contra a opressão feminina. Acho que agora resolveram queimar as calcinhas. Parecia-me justo. Depois de algumas horas de calorosa discussão anarco-comunista encontrava-me de pé encostado no beliche, Olga deitada na parte superior do mesmo quando aconteceu o pior para nós oradores natos: o silêncio. Não foi um silêncio qualquer. Foi daqueles que fica se perguntando: - e agora? Aquele silêncio que não quer calar. E eu ali; casto, um padre com os três volumes d'O Capital debaixo do braço. A quietude foi quebrada por Olga que, desfazendo a cara de "é hoje que ninguém me come", dizia-se morta de vontade de urinar, mas com preguiça de ir ao banheiro. Comecei a desconfiar que ela queria algo de mim. Talvez meu manifesto socialista emprestado. Astutamente coloquei minhas mãos sobre sua barriga e apertei de leve dizendo uma bobagem qualquer do tipo "vou ajudar o seu xixi" (muito romântico, aliás). Ela pegou minhas mãos e colocou-as sobre sua pélvis já quase desnuda respondendo outra bobagem qualquer do tipo "a boceta é aqui, ô imbecil". Agora sim, agora é que a porca capitalista torcera o rabo. Era minha deixa. Passei as

próximas duas horas discursando sobre o materialismo dialético, como pretexto enquanto mentalmente ensaiava uma frase que poria uma questão de ordem naquele quarto. Acho que Olga começava a passar mal pois, com as mãos entre as coxas, remexia-se e esticava-se sobre a cama; por vezes, acho que angustiada, apertava os próprios peitos e vez em quando gemia, virando os olhos. Seria contagioso? Resolvi arriscar. Tomei fôlego e proferi a frase já devidamente ensaiada: - Olga, incomensurável possa por fim à nossa o que os acho melhor talvez sincera e fiel eu apagar dormir, pois estou com a luz e irmos uma vontade de beijar-lhe amizade lábio*. Girei o corpo e fui caminhando rumo ao interruptor que distava cinco passos dali. Na certa ouviria: - Óh, beije-me então querido companheiro. No segundo passo comecei a duvidar de meu poder sedutor. No terceiro clamei por São Guevara. O quarto passo parecia uma caminhada na superfície lunar, tal era minha lentidão. E nada, aquele silêncio. Já era o quinto, e aliás, último. Maldita maoista. Estiquei a mão e quase ao tocar o instrumento que apagaria a luz e minhas chances de comer a camarada ouvi sua voz: - Calma, vem cá. O ar saiu pelas minhas narinas em altíssima velocidade me deixando meio tonto. Virei e a vi já nua. Pulou sobre mim feito vietcongue. Foram quatro. Por mim poderia ter sido mais... Muito mais. Passamos a noite ali, deitados um sobre o outro, como a foice e o martelo... foi lindo. Acordei um Don Juanovsky, porém arrependido: tornara-me um traidor da causa. O que diria a meus companheiros de luta. Aqueles que unidos, lutavam pelo sacrossanto direito ao prazer solitário... Peguei minha bolsa, meu chinelo de couro, minha boina, minha barba postiça e antes de fechar a porta em retirada proferi uma última frase: - Companheira, você precisa socializar essa genitália.

Os anos se passaram e a revolução não veio. Por via das dúvidas, y por la unidad de latinoamerica, resolvi casar com uma ex-tupamaro. Sabe como é; a história é um processo cíclico...

* *Olga, acho melhor eu apagar a luz e irmos dormir, pois estou com uma incomensurável vontade de beijar-lhe os lábios o que talvez possa por fim à nossa sincera e fiel amizade.*

eduardo.rodriques@eou.com.br

ilustrações - airon (<http://airon.zip.net>)

